

Nossas escolas, nossos problemas

» JAIME PINSKY

Bacharel, licenciado e pós-graduado em história, doutor e livre-docente da USP, professor adjunto e titular, concursado, da Unicamp

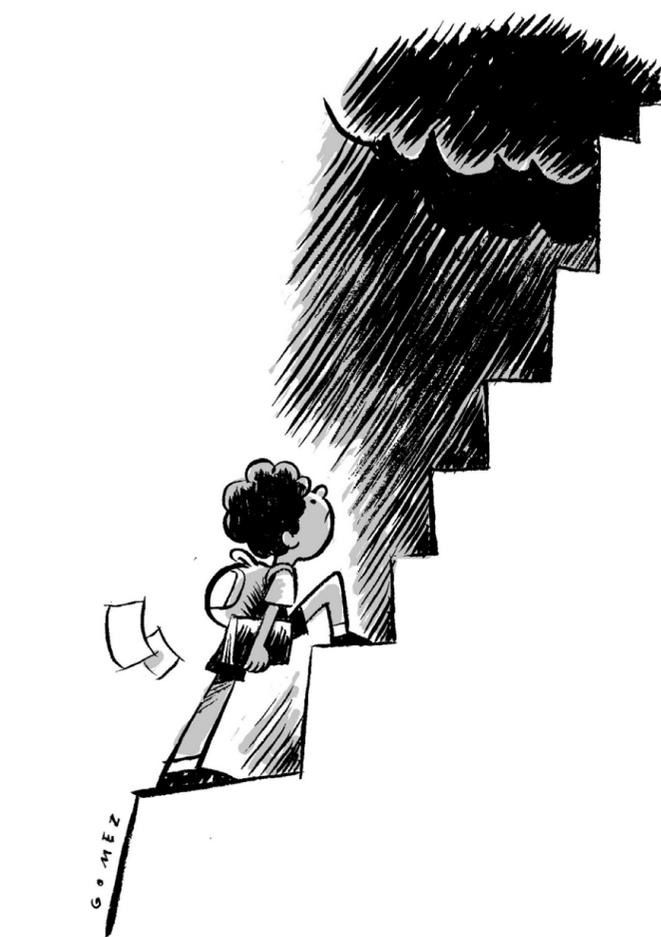
Tive apenas dois professores importantes, antes de começar os estudos superiores, um de português, outro de filosofia. Não que eu não tenha tido alguns outros bem razoáveis. Mas, para mim, esses foram incomparáveis. Muito diferentes entre si, eles, cada um à sua maneira, me seduziam. Eu ansiava pelas aulas deles e bebia suas palavras. Mas também ansiava confrontá-los. E, agora, posso confessar, sentia-me estimulado a estudar, pois assim poderia questioná-los.

Cada aula trazia coisas novas e eu sentia que avançava cada vez mais. Não vejo motivos para esconder seus nomes. O professor de português, João Tortello, tomou para si a tarefa de me fazer gostar de Machado de Assis. Não se conformava ao constatar que, como leitor compulsivo, eu tinha familiaridade com as obras dos contistas franceses e dos romancistas russos, mas não me sentia envolvido quando lia aquele que era considerado o mais importante autor brasileiro.

Lembro-me de Tortello interrompendo a verificação de presença (a "chamada") ao chegar no meu nome e perguntar, maliciosamente, se eu já gostava ou ainda não gostava de Machado de Assis, como se isso fosse apenas uma questão de tempo, de maturidade... Com o segundo, o professor de filosofia Ruy Nunes, os embates eram mais explícitos. Ele queria deixar claro que com Santo Tomás de Aquino, que considerava continuador de Aristóteles, a filosofia chegara ao seu ponto mais alto e que conhecê-lo era condição para entender o mundo, seja aquele concebido por cada um de nós, seja o real. Erudito, muito articulado, Ruy encontrou em mim um aluno disposto a ouvi-lo atentamente, disposto a ler tudo que indicava, inclusive, trechos em latim do filósofo medieval. Seu objetivo, claramente, era o de converter aquele garoto, que se apresentava como ateu praticante, à sua forma de ver o mundo, inclusive à sua religião, se conseguisse.

Por outro lado, lá estava eu aceitando estudar os textos que ele recomendava, mas pesquisando todos os que criticavam os tomistas, todos os que me davam um viés materialista. Ruy Nunes considerava um desafio pessoal dobrar o garoto petulante, que ousava enfrentá-lo intelectualmente. Nunca me deu uma nota 10, é verdade (como poderia fazê-lo, se eu ousava discordar?), mas eu percebia que ele entrava na sala para dar aulas pra mim. Tinha a sensação de que ele nunca demonstrou interesse pelos vinte colegas de classe que, de resto, também não tinham interesse nele: decoravam algumas definições apenas para passar de ano.

Eu me sentia poderoso por ter um contendor do quilate desse mestre. De resto, com ele aprendi a respeitar opiniões e visões de mundo diferentes da minha, desde que apresentadas de forma inteligente e respeitosa. Junto



com Tortello, que me ensinou a ler ficção, foi o professor mais importante que tive, já que me ensinou a organizar o conhecimento. Ambos trabalharam no "Estadão", de Sorocaba, colégio público que, em seu período áureo, foi decisivo na formação de gerações de estudantes. Mais tarde esses jovens se tornaram adultos produtivos, gente que desempenhou papel importante na educação, na política, na economia, nas artes e até no esporte brasileiro.

O tempo passou, muita coisa mudou. O sistema educacional enfrenta, nos dias de hoje, novos desafios: embora o acesso à rede escolar tenha se tornado praticamente universal, seu significado e sua importância nas famílias e na sociedade têm diminuído. O apoio financeiro que vários governos têm dado "para que todos os alunos façam faculdade" é um erro evidente. Nem todos os alunos devem "fazer faculdade", pelo menos por dois motivos: o primeiro é que o mercado não tem

como absorver os infelizes que, graças a empréstimos governamentais, concluem uma graduação ou uma unigrana da vida.

O segundo é que pode estar havendo, na região em que o garoto vive, uma enorme carência de bons técnicos em áreas específicas, não de mais um bacharel em Direito (já temos mais de um milhão no Brasil). Mas isso implicaria aproximar as universidades federais, que têm como pesquisar, mas não aplicam seu conhecimento em milhares de escolas, que ensinam, mas são desatualizadas e não têm como pesquisar. A integração entre o saber produzido e não utilizado das universidades de boa qualidade com as escolas, que precisam conhecer mais para ensinar melhor, é tão óbvia quanto necessária. A educação, sabemos todos, tem sido um dos caminhos mais usados para o crescimento econômico e o progresso social de numerosos países. Ainda "chegaremos lá", algum dia?

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O Brasil vai melhorar

Muito tem se falado e especulado sobre os entraves seculares ao desenvolvimento do país reunidos num conjunto que passou a ser conhecido como Custo Brasil. Educação, saúde, segurança nas estradas, portos, aeroportos, ferrovias, burocracia, logística, energia e uma infinidade de setores mal resolvidos, o que tem adiado, sine die, o verdadeiro dia da independência dos brasileiros.

As raízes dessas mazelas, perdidas nas brumas do tempo, possuem, contudo, uma ramificação comum, bem identificável e que sempre esteve presente ao longo de nossa história. Mesmo reconhecendo a inutilidade na busca de culpados por nosso compromisso com o futuro, não deixa de ser sintomático que na origem de nossos males figuram em primeiro plano e isoladamente, nossas lideranças políticas. Não todas elas, mas a grande e significativa maioria. Desse modo não é exagero afirmar que a baixa qualidade de nossos representantes políticos devemos todo nosso subdesenvolvimento.

A razão dessa tragédia nacional situa-se muito além das características pessoais de cada um deles, totalmente alheios ao que se entende por espírito público. Ao reuni-los em núcleos maiores denominados partidos políticos, que nada mais são do que espécie de clube fechado, multiplicam-se suas forças ao mesmo tempo em que se tornam impermeáveis às influências das ruas e de qualquer fiscalização externa. Excetuando os períodos monocráticos experimentados pela sociedade, não seria demais conjecturar que nossas urnas eleitorais, muito mais do que portais de entrada para o mundo da democracia, têm representado uma verdadeira caixa de Pandora, que uma vez aberta, libertam uma fila de pessoas sem soluções a apresentar.

Ao Custo Brasil se agrega como fundamental o Custo Político. Essa sensação ficou ainda mais evidenciada para a população em geral com a eleição e posse da nova legislatura e com a eleição e posse dos membros do Executivo. Em ambos os casos houve o tradicional festejo dos eleitos, com seus familiares e apoiadores. Muita comida, muita bebida, tapinhas nas costas aos novos membros do clube que chegam. Tudo muito animado e distante, anos-luz, da população, convidada apenas para bancar os festejos, cada vez mais caros, na forma de impostos crescentes.

Há uma crise sendo anunciada e o problema maior é que não existe, no horizonte imediato observável, ninguém com a capacidade e credibilidade para chamar todos a razão, apaziguando o país. É em momentos assim que a nação necessita de personagens com a capacidade de liderança, guiando todos para o vale da concórdia. Se tivermos que aguardar o surgimento de lideranças, tal como tivemos durante a pandemia, estamos literalmente no sal e entregues à própria sorte.

De fato, estamos todos numa espécie de vácuo ou deserto árido, de homens e ideias. É preciso nesse momento dar o nome aos bois, mostrando a todos quem foram os verdadeiros atores a deflagrar essa crise.

» A frase que foi pronunciada

“Sentindo que Peter estava voltando, a Terra do Nunca acordou novamente para a vida. Devíamos usar o mais-perfeito e dizer acordado, mas acordado é melhor e sempre foi usado por Peter.”

James M.Barrie

Incômodo

» Veja no blog do Ari Cunha o tamanho da construção misteriosa que brota às margens da mata ciliar no trecho 9 do SMLN, onde não há vizinhos. Já são três andares. Buscas dos moradores do trecho dão conta de que a venda do terreno foi feita pela Novacap. Há que se esclarecer.

Barreira

» Em várias cidades do país, não há cancela por onde passam os trens. As travessias são feitas quase sempre sem cuidado. Vale pensar em nova legislação que dê mais segurança para a população com o controle do fluxo.

Incrível

» Quem procura acha. Há realmente passagens de avião para Goiânia, por exemplo, saindo de Brasília por R\$ 128,42.

Lupa

» Se todas as emendas saídas do Parlamento brasileiro pudessem ser rastreadas pela população, valeria mais a pena pagar os impostos. Assim, o que é obrigação de serviço pelo Estado teria a participação do contribuinte.

» História de Brasília

Firmado o convênio para a Construção em Brasília pela Novacap, do edifício do Itamarati. Tomara que não aconteça o que está acontecendo com o Banco do Brasil. O prédio está sendo construído e a diretoria que funcionava em Brasília, foi embora. (Publicado em 01.04.1962)

Por uma pós-graduação forte

» LUCIO RENNÓ

Decano de Pós-graduação, UnB

» DIANA PINHO

Diretora de Pós-graduação, UnB

A cada quatro anos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) realiza a avaliação de todos os cursos de pós-graduação stricto sensu do Brasil — mestrados e doutorados acadêmicos e profissionais — de todas as instituições de ensino, públicas e privadas, distribuídas pelas 49 áreas de conhecimento/avaliação.

Trata-se de um processo de compilação e envio anual de dados por Programa de Pós-Graduação (PPG) em todas as universidades brasileiras para uma plataforma informatizada, seguido da análise de pares que compõem os comitês de área. Em sua maioria, os dados são de acesso público, sendo, assim, um enorme exercício de transparência ativa e prestação de contas à sociedade.

Cada curso recebe no quadriênio uma nota entre três, a mais baixa, e sete, a mais alta, baseada em uma avaliação multidimensional, que identifica e qualifica as condições da formação. A análise do desempenho dos PPGs leva em consideração a quantidade de discentes; a taxa de abandono; a produção acadêmica dos docentes e discentes vinculados ao curso — artigos, livros, apresentações de trabalho; a elaboração de teses e dissertações; o quantitativo e a colocação dos egressos do curso; a geração de inovação e parcerias nacionais e internacionais com o setor produtivo; o impacto social dos PPGs e seus esforços de planejamento e gerenciamento interno. Esse processo detalhado e profundo faz o acompanhamento de toda a organização e produção da pós-graduação nacional.

A avaliação é utilizada como parâmetro para alocação de recursos financeiros e acesso

dos PPGs, seus docentes e discentes a projetos específicos da Capes que distribuem bolsas e insumos de pesquisa. PPGs melhores avaliados recebem mais recursos. Entre outras coisas, a avaliação quadrienal, além de fornecer à sociedade um panorama do que há de melhor em termos de formação, é amplamente usada para financiar a pós-graduação.

A Universidade de Brasília (UnB) é líder de excelência nacional na pós-graduação. A UnB sempre aparece bem colocada entre as universidades públicas brasileiras nos rankings nacionais e internacionais. Além disso, vários docentes são lideranças mundiais em suas áreas de atuação. No ano de 2023, a UnB possuía um total de 102 programas de pós-graduação stricto sensu registrados na Plataforma Sucupira, sendo 80 programas na modalidade acadêmica, 12 programas na modalidade profissional e 10 na modalidade Rede. São mais de 1500 docentes e 8000 discentes.

Na última avaliação quadrienal, a UnB deu um salto de qualidade. Enquanto no quadriênio anterior eram 37,7% dos PPGs com notas 5, 6 e 7, hoje são 55,4% com notas superiores e habilitados a diversas fontes de financiamento na Capes. Houve uma redução dos PPGs com nota 3, de 21,2% para 10,9% e uma queda no número de programas nota 4, de 38,8% para 32,5%. Ou seja, vários de nossos programas 3 e 4 subiram de nota, fruto de esforço colaborativo e cooperativo, com base em planejamento e estratégia, em cada PPG e entre estes e a Administração Central da UnB, que vem apoiando a formação e a produção científica com inúmeros editais de fomento e bolsas.

Para produzir conhecimento e ciência, o financiamento público é imprescindível. A UnB tem buscado inúmeras fontes de recursos para apoiar a pós-graduação. Além da Capes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAP-DF), a UnB também usa recursos próprios e de emendas orçamentárias da bancada do DF para fomentar tanto a formação quanto a produção científica. A despeito disso, os valores são insuficientes. Ainda há um significativo déficit de bolsas de mestrado e doutorado, o que afeta a manutenção e permanência dos discentes.

Se as notícias sobre a melhora na pós-graduação da UnB são alvissareiras, o mesmo não pode ser dito no que tange à oferta de recursos orçamentários federais e distritais. As ameaças de corte no limitado orçamento das universidades, da Capes e CNPq, que estão na pauta do governo federal, são notícias preocupantes. A ampliação dos recursos da FAP-DF, hoje insuficientes para atender a crescente demanda e caminhando na direção do enxugamento, também deve estar em pauta. Para continuarmos a atingir excelentes resultados, precisamos lutar para o aumento do financiamento da pós-graduação, berço da formação e capacitação dos quadros mais bem qualificados na produção de conhecimento e ciência no Brasil.

Essa é uma pauta central para o Distrito Federal, uma vez que a UnB é uma instituição de destaque nacional e um patrimônio local. Assim, é fundamental que haja coordenação entre os atores financiadores e o reconhecimento de que o futuro do DF e sua área de influência passa pelo apoio à UnB.